

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



Ora, para que da simplicidade desta nota bibliográfica se não possam fazer juízos de valor erróneos, é de justiça acrescentar — e assim terminaremos — que o livro de F. della Corte é um trabalho sério, bem documentado e *indispensável* para todo aquele que pretenda estudar Catão e a sua época, e, indirectamente, outros autores mais recentes, nomeadamente Cícero (vd. pp. 174 e ss., p. ex.), com o seu acentuado pendor para *os antigos* em detrimento de *os modernos*.

C. A. L. F.

PINHARANDA GOMES, **Filosofia Grega Pré-Socrática**. Selecção de textos, tradução e aparato crítico, de... Colecção: Filosofia e Ensaios. Lisboa, Guimarães & C.^a Editores, 1973, 294 pp.

Conforme se afirma na contracapa deste livro, «é a primeira vez que se publica, em Portugal, uma obra como esta, englobando especificamente a filosofia grega pré-socrática». De facto — é o próprio A. a reconhecê-lo (p. 7) —, com excepção dos trabalhos da Prof.^a Maria Helena da Rocha Pereira e do Prof. Gerd Bornheim, a bibliografia portuguesa sobre este assunto é praticamente inexistente (1).

Pretendeu o A. trazer a público uma obra que, longe de afastar o leitor, antes o atraísse e lhe facilitasse o acesso a este campo da filosofia (2). Com esse fim em vista, não apenas buscou uma linguagem clara e simples, como também evitou «a sobrecarga de notas comentarísticas ao texto» (p. 11). O livro foi, ainda, dotado de um «aparato crítico» (3), segundo se diz na página de rosto.

(1) Aproveitamos a oportunidade para informar que está para muito breve a publicação da tradução portuguesa de G. S. Kirk & J. E. Raven, *The Presocratic Philosophers...*, na colecção de textos da Fundação C. Gulbenkian.

(2) Vd. pp. 8-9: «Se a veiculação se torna fácil, permite-se a reclamação dos eruditos, que acham por bem negar provimento científico às obras de divulgação, cujo meio deve ser comunicativo e, pois, fácil, para quem procura receber a comunicação; se a veiculação se torna difícil, afugenta-se o eventual leitor, expressa-se, mas não se comunica, ou não se logra a comunicação...

Ora, quando se publica um livro, visa-se principalmente uma expressão comunicante e comunicável. Tal regra nos orientou na feitura da presente antologia, que, por isso, não surge, nem para disputar a dificuldade da erudição estabelecida, nem para franquear a facilidade da ignorância acossada.»

(3) Note-se que o A. chama «aparato crítico» à INTRODUÇÃO (pp. 17-93), como se depreende do que declara na p. 12, n.º 7, e não aos comentários que, p. ex., lhe podia merecer o facto de ter suprimido na tradução os vv. 118 e 119 da *Teogonia* (cf. p. 103). Sobre este problema pode ver-se G. S. Kirk & J. E. Raven, *op. cit.*, 1966, p. 25, n. 1.

Teria o A. alcançado os seus objectivos? Vejamos.

É certo que as notas de rodapé não abundam; mas, por outro lado, a linguagem e, sobretudo, a fidelidade aos textos gregos originais suscitam-nos alguns reparos.

Assim, a respeito do escudo de Aquiles (p. 101; *Iliada*, XVIII, 478-485 e 607-608), começa o A. por atribuir o fabrico dessa arma ao próprio Pelida, o que é um erro evidente, pois quem forja o escudo, μέγα τε σιβαρός τε, é, como não podia deixar de ser neste passo da Epopeia, Hefesto, o περικλυτός Ἀμφιγυήεις (cf. vv. 462 e ss. do referido canto). Na tradução do v. 483, lê-se «Forjou, em lavra, a terra...» Não descortinamos onde é que o A. foi buscar a expressão «em lavra», pois o que se encontra no original é tão somente Ἐν μὲν γαῖαν ἔτευξε... No verso seguinte, fala-se da «lua brilhante», que não é, de modo algum, uma tradução fiel de σελήνην πλήθουσαν, já que este participio quer dizer «que está cheio» (i.e., a lua cheia). Ainda no verso a seguir, o A. dá-nos uma tradução de ἐστεφάνωται que destrói, por completo, a bela imagem poética do texto grego. Com efeito, em vez de «e quantos astros *coruscam* no firmamento» (o sublinhado é nosso), melhor será dizer «e quantos astros *coroam* o firmamento», tradução que, além de meramente literal, é poeticamente muito mais bela, quer-nos parecer. No último verso deste mesmo passo (v. 608), uma vez mais encontramos uma expressão que se não pode explicar, por forma alguma, pelo grego homérico: é ela «[do perfeito escudo] da terra» («E pôs nele o enorme poder do rio oceano / a toda a volta do perfeito escudo da terra»). Demais, tratando-se do escudo de Aquiles, incluir «da terra» na tradução deste verso é criar, como é óbvio, uma ideia errónea de todo o passo. O que Homero diz, ao terminar a descrição do cinzelado do escudo, é que, por último, Hefesto representara o rio Oceano a toda a volta «de escudo tão bem lavrado» (trad. da Prof. Doutora M. H. da Rocha Pereira, *Hélade*, 1971, p. 38). Ora, todos estes erros, tê-los-ia o A. evitado se, como diz, em a n. 1, da p. 101, tivesse realmente seguido «de muito perto a tradução, já existente, de D. Maria Helena da Rocha Pereira», tradução que, de resto, já transcrevera *incorrectamente* (1) na INTRODUÇÃO (p. 32).

A extrema despreocupação com que o A. encara a tarefa de traduzir textos gregos continua nos excertos seguintes. Assim, na alínea b da p. 102, Pinharanda Gomes transforma o grego ὅς περ γένεσις πάντεσι τέτυκται (*Il.*, XIV, v. 246), isto é, o Oceano que a todas as coisas deu o ser, em simples «criador dos deuses», o que falseia completamente a ideia do original. Ainda na mesma página, o mar (πόντος) é convertido em Oceano, o que pode dar origem a confusões no espírito do leitor, além de estar errado adentro da terminologia homérica; e a Noite «que domina (δημιτεία) os deuses e os homens» é apresentada como mero «suporte» dos mesmos. Acrescente-se que o epíteto «veloz» (θοῆ) que lhe é dado no último verso também foi omitido (vd., respectivamente, linhas 1, 3 e 5 da alínea c e *Il.*, XIV, vv. 258, 259 e 261).

Mas os erros e deficiências de tradução são ainda mais graves nos textos de Hesíodo (pp. 103-105). No primeiro trecho da *Teogonia* (vv. 116-132), o A. começou

(1) De facto, há um erro grave nessa transcrição, pois, em vez de «e ainda *quantos* astros *coroam* o céu», o que se lê, a pp. 32, é «e ainda *quatro* astros *coroam* o céu.» (O sublinhado é nosso.)

por não traduzir o epíteto *εὐρύστεργος* («de amplo peito») dado à Terra (v. 117) e duas linhas a seguir traduziu *ἀθανάτοισι θεοῖσι* por «dos deuses *mortais*». Não resistimos à tentação de sublinhar esta palavra devido à importância de que um tal erro se reveste, erro, acrescente-se, que se repete na página seguinte (linha 7 do trecho n.º 2; *Teog.*, v. 743), onde, uma vez mais, os deuses, de *imortais*, são transformados em simples mortais...

Nos vv. 121-122, Hesíodo, ao referir-se a Eros, diz que essa divindade «*πάντων δὲ θεῶν πάντων τ' ἀνθρώπων* | *δάμναται ἐν στήθεσσι νόον καὶ ἐπίφρονα βουλήν*» («no peito de todos os homens e deuses, domina o espírito e a vontade esclarecida»: trad. de M. H. da Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 82), ao que Pinharanda Gomes fez corresponder, na sua tradução, «no peito dos deuses e dos homens, *incentiva* o espírito e a sabedoria». Ora, além da omissão do equivalente português para *πάντων* e da incorrecção de «sabedoria» para traduzir *ἐπίφρονα βουλήν*, convém notar que o verbo a que pertence a forma *δάμναται* não pode, nem deve, ser traduzido por «incentivar».

O A., que já suprimira a tradução dos vv. 118 e 119, por serem, em geral, considerados espúrios (1), não traduziu, também, o verso 125, sem que para essa falta tenha dado qualquer justificação.

Mas a tradução continua discutível em muitos pontos. Deixando para trás alguns aspectos de menos importância, o A. traduziu «*ὄφρ' εἴη μακάρεσσι θεοῖς ἔδος ἀσφαλὲς αἰεὶ*» (v. 128) por «oferecendo aos deuses um assento de nunca imaginada felicidade». O que o grego diz é algo de muito diferente: «e <para que> fosse para sempre a mansão segura dos deuses bem-aventurados» (trad. de M. H. da Rocha Pereira, *op. cit.*, *ibid.*). E mais adiante, ao falar das Ninfas «que habitam os montes rodeados de vales» (v. 130: *οὔρεα βησσήεντα*) ou, segundo alguns, «que habitam as montanhas arborizadas» (2), o A. altera radicalmente a imagem ao dizer «... Ninfas, que moram nos vales das serras.» Este passo de Hesíodo termina com outra incorrecção, pois onde se devia ler que a Terra gerou «sem a volúpia do amor, o mar estéril, o Ponto, que se enfurece com suas vagas alterosas», Pinharanda Gomes escreveu «Dela nasceu ainda o infecundo *Oceano*, de vagas furiosas — o *Rio Imenso*, sem a intervenção de Eros». (O sublinhado é nosso).

Se fizéssemos, agora, uma análise da tradução dos Pré-Socráticos propriamente ditos, muitos — e de longe mais graves — seriam os erros a apontar. Assim, p. ex., na tradução do trecho de Simplicio, *in Phys.*, 24, 13, o A. diz que Anaximandro «escreveu em poesia» (p. 122). Ora, o que se encontra no grego é, muito simplesmente, que Anaximandro se exprimira «nunca linguagem um tanto poética» (*ποιητικώτερος οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων*). Entre *escrever em verso* e *usar termos poéticos* a diferença é enorme, como é evidente... E, de resto, a tradução de Pinharanda Gomes está tanto mais errada, quanto se sabe que a prosa começou, entre os Gregos, com o próprio Anaximandro (3). Para mais, o fragmento deste

(1) Vd. n. 3 da p. 574.

(2) Cf. Liddell and Scott's *Greek-English Lexicon*, s. u. *βησσήεις*; e G. S. Kirk & J. E. Raven, *op. cit.*, p. 25.

(3) De facto, o predecessor de Anaximandro, Tales, nada escreveu, ao que parece: cf. G. S. Kirk & J. E. Raven, *op. cit.*, pp. 84-86. Vd., ainda, M. H. da Rocha

filósofo — muito provavelmente o único autêntico chegado até nós (1) —, incluído no texto de Simplício e que foi traduzido, também, de forma muito discutível (2), *está claramente redigido em prosa*. Pena foi que o A. não se tivesse dado conta do facto, pois teria evitado, assim, um erro assaz condenável.

Quanto ao fragmento 12 Diels de Anaxágoras, o que se nos depara, a pp. 132-133 desta obra, é mais uma paráfrase ou interpretação muito pessoal do A., do que propriamente uma verdadeira tradução (3). Outro tanto se poderia dizer da pseudotradução dos fragmentos 13, 14 e 21a, p. ex.

Mas ainda a propósito do fragmento 12 Diels, observe-se que a frase «Grande ou pequeno, o que tem *alma* está sujeito ao espírito ...» (p. 133: o sublinhado é nosso) é praticamente incompreensível, pelo simples facto de o A. ter atribuído a *ψυχή* um significado que não cabe, por forma alguma, no contexto (4).

Poderíamos continuar as nossas observações, se os limites de tempo e espaço nos não forçassem a ficar por aqui. Contudo, julgamos que os casos apontados são suficientes para mostrar como uma tradução precipitada pode ocasionar *erros de doutrina* inadmissíveis, mormente quando se trata de um livro que pretende divulgar os Pré-Socráticos entre os que se interessam pelas coisas da Filosofia.

C. A. L. F.

Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*. I vol. — *Cultura Grega*. Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 31970, pp. 17 e 199-200.

(1) Cf. G. S. Kirk & J. E. Raven, *op. cit.*, pp. 117-118.

(2) Como prova do que afirmamos, confrontem-se as duas traduções, *totalmente diversas*, do fragmento, a primeira na p. 122 («... em obediência às leis da necessidade, ..., «[sic] os seres são castigados e expiam, durante determinado tempo, a recíproca injustiça de uns para com os outros»); a segunda na p. 124 («... em virtude do grau de culpabilidade, porque retribuem umas às outras o castigo e a expiação pelas injustiças, consoante o tempo determina.»)

Repara-se, ainda, que no primeiro caso o A. pôs fora das aspas uma expressão que é, em geral, considerada como pertencente ao fragmento; no segundo, atribuiu a Anaximandro a frase «Tudo se dissipa nisso de onde provém, e todas as coisas se dissipam» que não deve ser da sua autoria. Cf. G. S. Kirk & J. E. Raven, *op. cit.*, pp. 117-118.

(3) Note-se, a propósito, que o A. segue, aqui, muito de perto a tradução de J. Voilquin, *Les penseurs grecs avant Socrate...* Paris, Garnier — Flammarion, 1964, pp. 148-149.

(4) J. Voilquin, *op. cit.*, p. 149, traduz, igualmente, por «âme», mas é evidente que *ψυχή* tem, neste passo, o significado de «vida» que lhe atribuem G. S. Kirk & J. E. Raven, *op. cit.*, p. 373, e M. H. da Rocha Pereira, *Hélade*, ed. cit., p. 231. Quanto aos dois significados — *alma* e *vida* — deste vocábulo, vd., M. H. da Rocha Pereira, *Estudos...*, ed. cit., p. 188-189.